

social

ONG OFERECE TRATAMENTO ODONTOLÓGICO GRATUITO A PACIENTES DE BAIXA RENDA COM CÂNCER E DEFICIÊNCIAS SEVERAS



Sorrindo para a vida

Pergunte à cirurgiã-dentista Marisa Helena de Carvalho quanto vale um sorriso e ela responderá: “Uma vida! Acho que é o maior bem que a gente tem”. A seu lado, uma equipe de 32 especialistas voluntários compartilha do mesmo pensamento e mantém ativo o Instituto Sorrir para Vida, em São Paulo. Desde 2007, a ONG presta atendimento odontológico gratuito para pacientes de baixa renda com câncer ou portadores de deficiências severas.

Essa história começou em 2003, quando Marisa foi diagnosticada com um tumor na mama. Três anos depois, enfrentou a doença novamente. Foi, então, que recebeu de uma sobrinha, a oncologista Vanessa de Carvalho Fabrício, orientações acerca dos cuidados que deveria ter com a boca durante o tratamento, apesar de não terem surgido efeitos colaterais na região. “Depois, ela pediu que eu atendesse pacientes com mucosite oral que se tratavam na Santa Casa de São Paulo. Daí surgiu a ideia de criar o instituto”, lembra Marisa.

Os tratamentos oferecidos pela ONG incluem outras situações comuns a esse grupo, como cáries, falta de dentes, má oclusão, tártaro e sangramento nas gengivas. “Devido à baixa imunidade, é habitual o surgimento de aftas, que podem levar à desnutrição, desidratação e dor. Muitas vezes, ocorrem até internações por infecção generalizada e morte”, explica Marisa. Os pacientes são orientados, ainda, a manter higiene constante da boca como um todo para evitar perda óssea.

Ao buscar a ajuda do instituto, eles se submetem a uma análise clínica. Em seguida, são encaminhados ao serviço social, onde passam por avaliação socioeconômica. Se aprovados, têm acesso gratuito aos tratamentos. Até o momento, foram atendidas 1.427 pessoas. Destas, 670 tinham ou têm câncer e chegaram em grande parte pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

MUCOSITE É O PRINCIPAL EFEITO COLATERAL

De acordo com o médico patologista Rogério Gondak, voluntário da Rede+Voz da Associação de Câncer de Boca e Garganta (ACBG Brasil), a mucosite oral é o principal efeito colateral das terapias aplicadas em pacientes oncológicos, especialmente químico e radioterapia. É mais recorrente em crianças e adolescentes, embora, além da idade, fatores como genética, tipo e localização do tumor, problemas hormonais, de visão, de memória e de aprendizagem favoreçam seu surgimento. Trata-se de uma reação inflamatória caracterizada por edema, formação de úlcera e descamação, que pode provocar perda de paladar e dificuldade para engolir.

“Existem algumas intervenções para a prevenção ou redução da intensidade da inflamação, como bochechos com medicamentos antibacterianos, lubrificação labial, controle da hipossalivação [pouca saliva ou alterações nos seus componentes], suspensão de

alimentos irritantes para a mucosa e uso de *laser* de baixa potência”, diz Gondak, especialista em patologia oral.

A laserterapia está disponível para pacientes do SUS desde junho de 2020. Segundo o Ministério da Saúde, a Política de Saúde Bucal reúne um conjunto de ações que vão da atenção primária a tratamentos mais específicos em 1.173 Centros de Especialidades Odontológicas (CEO), como biópsias, diagnósticos e encaminhamentos para hospitais habilitados.

Existem ainda outros dois problemas comuns provocados pela quimioterapia e pela radiação. Um deles é o trismo – quando os músculos do sistema mastigatório sofrem fibrose, causando limitações na abertura da boca e, conseqüentemente, na manutenção da higiene, da fala, da nutrição e da própria reabilitação oral. Outro é a xerostomia (boca seca), decorrente de alterações nas glândulas salivares.

“Estima-se que haja 40% de incidência de mucosite em pessoas que fazem quimioterapia padrão e isso tende a aumentar de acordo com o número de ciclos. Pacientes recebendo radioterapia, em particular para câncer de cabeça e pescoço, têm chance de 30% a 60%. A xerostomia é evidenciada em mais de 50% desse grupo. As porcentagens de trismo relatadas em estudos recentes chegam a 42%”, comenta Rogério Gondak.

RECUPERANDO A AUTOESTIMA

Cuidar dos dentes nunca foi prioridade para o balconista de farmácia João Correa de Lima. Ele já havia enfrentado um câncer de orofaringe (com tumores atrás do nariz, na base da língua, na mandíbula e nas amígdalas) quando chegou ao Instituto Sorrir para a Vida, em 2017. Três sessões de quimioterapia e 35 de radioterapia contribuíram para o surgimento de uma série de problemas bucais, como infecção na mandíbula, tártaro na raiz dos dentes e trismo.

“Precisei de raspagens, extrações completas, laserterapia e curativos. Frequentei o Sorrir para Vida até 2019. O tratamento me devolveu autoestima, qualidade de vida. Hoje posso rir sem receio e comer com mais diversidade”, conta João.

Relatos como o de João alimentam os planos de Marisa, que deseja ter uma sede própria em São Paulo. “Temos hoje duas salas de atendimento e queremos mais uma. Acredito que a melhor maneira de ampliarmos o trabalho é disseminarmos nossas práticas em outras cidades e estados. Pensamos em criar cursos que contribuam para a capacitação profissional. Assim, esses dentistas capacitados poderão fazer um trabalho similar em suas cidades”, idealiza.



Instituto
SORRIR
Para Vida

**Durante a pandemia,
o Instituto Sorrir para Vida
funcionará de segunda a
sexta, das 9h às 17h.**

**Mais informações:
(11) 2977-4626.**